

As paixões e seus destinos¹

Mas entendam bem que, quando digo tudo isto, refiro-me às vias da realização do ser. Porque, claro, elas não são a realização do ser, pois dela são apenas as vias, mas são as vias, ainda assim.
Jacques Lacan, O Seminário I

Ainda que em seu ensino Lacan utilize a expressão “paixões do ser”, referindo-se ao *Amor*, ao *Ódio* e a *Ignorância*, sabemos que ele o faz produzindo uma subversão, visto que parte da filosofia e do que ela nos instrui sobre as paixões. E se elas se originam especialmente do “*Ser*”, haveremos de contextualizá-las através das premissas lacanianas para refletirmos sobre a questão: quais são os destinos das paixões ao final de uma análise?

Em *O Seminário 22: R.S.I* (1974-75, inédito), Lacan dirá que a possibilidade de *representar* e *perceber* o “*mundo*”, a própria constituição do sujeito, depende da articulação entre as *consistências* do *Real*, do *Simbólico* e do *Imaginário*, que já estavam lá desde o início do ensino de Lacan, mas que só mais tarde ele as tomará pela via da topologia do nó borromeano, dando um passo a mais. Lacan *mostra*, por esse nó, para além da sobredeterminação simbólica do sujeito, o ponto real que está em sua origem mesma. Ao fazer, pois, a *monstração* do Real como corda (*corde*, em francês), como fundamento de um acordo (*accord*, em francês) por ela suportado, mostra-se de que maneira se constitui algo, uma “*boa forma*” que faz entrar no Real o que é do Imaginário, não-sem o *sinthoma* do que, no simbólico, consiste e fabrica a trama, a tecelegem, a-cordo/a-ccord ligado à *ordem de um corpo* ao qual o imaginário está suspenso.

Disso depende a constituição do campo do sentido. Certo, debilidade mental – como nomeia Lacan – mas sem o quê fica comprometida a possibilidade de um sujeito aceder à ficção que chamamos *realidade*. Dependente, vinculada a seus orifícios e das formas tomadas pelo *objeto pequeno a* – que faz furo no corpo (LACAN, 1974, p. 98) – a *ordem do corpo* somente encontra sua origem em um enodamento simbólico que, pelas bordas de seus orifícios, constituem a “*boa forma*” sempre dependente, pois, da linguagem. Isso quer dizer que o sujeito apenas conhece alguma coisa a respeito do *ser ele mesmo* por algo que sequer imagina, e que lhe advém de um Outro, barrado, cuja presença só se dará por entre as bordas de seus orifícios corpóreos: as paixões são consequência, portanto, do fato de que o sujeito só faz sua entrada no mundo, só “*tem*” um corpo, porque ele próprio *se fez* objeto do gozo do Outro.

¹ Texto apresentado no “Colóquio Internacional de Convergência, Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana: “AMOR, ÓDIO, IGNORÂNCIA: Desafios na direção da cura”, Buenos Aires - Argentina, 31 de maio de 2024. Autores que representam a ELPV: Beatrice Tesch (Membro da ELPV), Darlene Tronquoy (AE da ELPV), Maria Celeste Faria (AME da ELPV), Rosânea de Freitas (AME da ELPV) e Ruth Bastos (AME da ELPV).

Mas se o corpo, então, faz *acordo*², o inconsciente é seu *discordante* que, ao falar, determina o sujeito enquanto *ser*, mas um ser que, ex-sistindo, suporta o desejo enquanto impossível de ser satisfeito, já que o *objeto a* é sua *causa* e não o seu *complemento*, nem direto nem indireto, nos diz Lacan. E ainda, trata-se do *ser* a se *riscar*³[barrar] nessa metonímia, cujo “*Eu*”⁴ suporta o desejo, como para sempre impossível de se dizer enquanto tal” (LACAN, 1974/75, aula de 21/01).

O afeto de ex-sistir, considerando o inconsciente, é o nodular-se implicando o furo, sem o qual não existiria nó, a nodulação dos furos do Real, do Simbólico e do Imaginário. Assim, *o sujeito é o ser causado*⁵ por essa “*abstração radical*” da linguagem que é o *objeto a* (LACAN, 1974/75, aula de 21/01). Mas é também por isso que Lacan o denomina “*parlêtre*”, ser que fala/falasser e, por isso, é mais *falta-a-ser* que ser, propriamente.

Diz-se *abstração radical da linguagem* enquanto essa se faz um ornamento, semblantes que traduzem as paixão do corpo, a *pathein/pathema*. É essa *paixão do corpo, efeito de linguagem*, que está comprometida com o *ser das paixões*, que se desdobram em *amor, ódio e ignorância*, que escoarão pelos furos do corpo do falasser, lembrando que, “[...] se o sujeito não falasse, não haveria a palavra “*Ser*” (LACAN, 1974/75, aula de 18/02).

Não existe apenas um viés para abordarmos as paixões do falasser. Mas cabe notar que a *paixão* se distingue do *desejo*, embora sejam ambos causados pelo objeto e consequência de que há um furo no próprio campo da linguagem. Porém, o que pode distingui-los é: enquanto o *desejo* insiste numa metonímia perene, indestrutível e que não consiste, a *paixão* pode se apresentar em um estado abrupto de movimentos finitos, *desencadeados* e distantes da “*boa forma*” no sentido em que Lacan (1974/75) nos aponta em seu *O Seminário R.S.I.*

Lacan, então, passa a tomar as paixões pela via, não do ser, do discurso filosófico que é, justamente, o avesso da psicanálise, mas da *falta-a-ser* que caracteriza nossa humana condição, que é aquela da constituição de um sujeito, daquele introduzido no mundo por Freud: o que surge no ponto de estruturação do próprio desejo, que comparece na brecha aberta pela demanda por ela mesma cavada, uma vez que, o sujeito, ao articular a cadeia significante, trará à luz sua falta-a-ser, que é indissociável do apelo de receber seu complemento do Outro, o que constitui o fundamento do

2 Vale lembrar que “*accord*”, acordo, em francês, também são os “*accords*”, os acordes de uma música, de uma melodia, de um instrumento.

3 Lacan utiliza o verbo “*rayer*” (conjugado: “*à se rayer*”, “a ser riscado/barrado”), que quer dizer “riscar”, barrar, “apagar”, “anular” por exemplo “riscar”, “apagar” uma palavra de um manuscrito, um nome de uma lista, apagar com um risco/traço que se faz sobre uma escrita. A sutileza está no fato de que aquilo que se risca ou sobre o que se coloca um risco/traço fazendo uma barra continua visível sob o “traço/barra/risco” ou, no mínimo, o “traço/barra/risco” atesta uma presença sem suprimir o que foi “barrado/riscado” Fonte: <https://www.littre.org/definition/rayer> Littre, último acesso em 21/08/23.

4 No caso, aqui, trata-se do “Eu” como “*je*”, sujeito do inconsciente, e não do “*moi*”, função imaginária, uma vez que, em francês, como se sabe, há dois pronomes para designar o “eu” (Nota de tradução).

5 Em francês, “*causé*”, causado, em português, faz homofonia com “*causer*”, que quer dizer falar, conversar.

amor, mas também do *ódio* e da *ignorância*, se o Outro, como lugar da fala, é, ao mesmo tempo, o lugar da falta. Por isso, o que cabe ao Outro completar, preencher, é o que ele, justamente, não tem, pois o ser também é o que lhe falta!

Paixões do ser também é “[...] o que toda demanda evoca para-além da necessidade que nela se articula, e é disso mesmo que o sujeito fica tão mais propriamente privado quanto mais a necessidade articulada na demanda é satisfeita” (LACAN, 1998, p. 633-4), tal é o exemplo da *anorexia mental*, pois é quando “[...] a criança é alimentada com mais amor que recusa o alimento e usa sua recusa como um desejo [...], confins onde apreendemos, como em nenhuma outra parte, que o ódio retribui a moeda do amor, mas é onde a ignorância não é perdoada” (LACAN, 1998, p. 634). Porque é se recusando a satisfazer a demanda do Outro materno que a criança exige que a mãe tenha um desejo “fora dela”, tal é a via que lhe é necessária para que se oriente rumo ao desejo, nos diz Lacan (idem, p. 634).

Não é nosso objetivo inventariar, na obra de Freud e/ou de Lacan, o que estes nos trouxeram como novidade a respeito do que, há séculos, já é tratado pela humanidade, seja pela filosofia seja pela arte ou pela ciência, que busca nos gens, nos hormônios e *tutti quanti*, as causas de nossas alegrias, tristezas e/ou de nossa violência. Mas é preciso dizer que, na psicanálise, em nossa clínica, em última instância, não se trata de outra coisa: lidamos, todo o tempo, com as paixões, com o erotismo como “forma” de ordenamento das paixões.

Então, na vertente introduzida por Freud e Lacan, para pensarmos a origem ou os destinos das paixões, teremos que considerar que, na experiência humana, as cavilhas não se encaixam jamais nos buraquinhos, ou seja, nenhum apelo faz com que se possa receber do Outro um complemento. Esta é, por assim dizer, a origem das paixões, das paixões que aí estão, não para “realizar o ser”, mas para exigir, do dito humano, lá onde não há instinto que lhe ofereça borda ou orientação, as vias de um erotismo que possa acolher as paixões que lhe compõem. Mas a que se deve a evidência de que a experiência dita humana seja atravessada por tais – como os denomina Freud – *afetos*? Estarão todos eles ligados àquele que é indissociável da condição dita humana, o único que não engana, a *Angústia*? Seriam, as paixões, *afetações enganosas*? Partimos daí para chegar ao que nos interessa.

O bebê humano está votado a seu desamparo original, à dificuldade radical, ao *hilflosigkeit*. Absolutamente nada em sua frágil estrutura orgânica pode vir, sozinha, socorrê-lo, ampará-lo na “desordem”⁶ que inaugura sua entrada no mundo; absolutamente nada, nenhum acontecimento – de

6 Em francês “*désarroi*”, que pode ter diversos sentidos, significante, de verbal (diz-se de ou palavra formada por derivação regressiva, a partir de um verbo; pós-verbal, regressivo) que deriva do antigo francês “*desaroyer*”, que é “colocar em desordem”, em deriva. Trata-se de uma profunda desordem, ou alteração profunda que leva a um acontecimento desagradável e inesperado. (<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9D1771>, último acesso

estrutura – mesmo que lhe ofereça algum amparo, uma borda, como esta miragem que é o “*Ser*”, pode eliminar. Essa “desordem”, portanto, jamais o abandonará, jamais deixará de fazer suas erupções quando algo do Real, do inesperado, às vezes insuportável, vem tocar em sua frágil “estrutura”, sempre sujeita a desnodulações que, por sua vez, produzem a brecha pela qual escoa a *afetação angustiante, a angústia*. Trata-se do *Ding* (que Lacan toma de Kant), e que Freud já havia denominado *das Ding*, o objeto perdido desde sempre (trata-se da perda de algo que jamais esteve lá), e que seria a própria origem de toda experiência do homem, e de seu destino que, por isso, é sempre trágico.

É, então, por não ter outra saída senão o “se deixar” inocular pela paixão do significante⁷ que o falasser não se constitui que à condição de se submeter às paixões do Outro, “*causa pathomenon*”⁸, causa da paixão humana mais fundamental, o *Ding*, já designado por Kant (LACAN, 1959-60, p. 68). Sim, do desejo do Outro veiculado por suas afetações, pelas circunvoluções de sua demanda: “[...] É uma questão do sujeito como ele precisamente tem que *padeecer do significante*, e que nesta *paixão pelo significante* surge o ponto crítico do que a *angústia* é ocasionalmente apenas um afeto que desempenha o papel de sinal ocasional” (LACAN, 1959-60, p. 101).

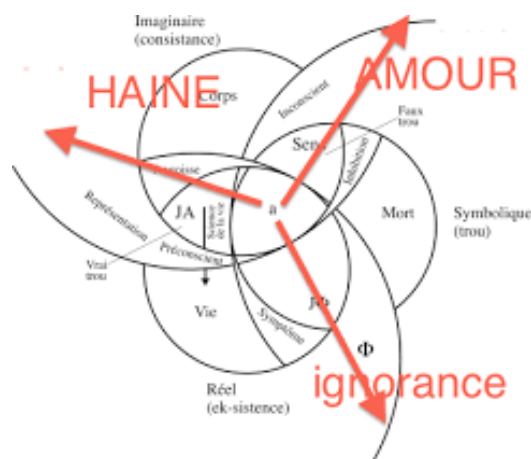
Em seu *O Seminário, livro I* (1953-54), Lacan já situava as paixões a partir de sua tríade RSI, situando-as assim:

- na junção do Simbólico e do Imaginário, a paixão ou a ruptura, se quiserem, ou a linha limite do que se chama *amor*,
- na junção do Imaginário e do Real, aquilo que chama ao *ódio*,
- e na junção do Real e do Simbólico, aquilo que se chama *ignorância*.

em 07/04/2024 (Tradução livre).

⁷ Para abordar a questão da “paixão do significante”, Lacan recorre à função dos mitos e a outras contribuições de Lévi-Strauss, sobretudo sobre a função simbólica e a “organização significante” da qual se “origina” e depende, seja no plano individual ou da coletividade (e ambos não se opõem), um sujeito, e que Lacan nomeará “Autre”, Outro, como desejo do Outro (LACAN, 1959-60, p. 101, *Staferla*).

⁸ [...] para acentuar o caráter radicalmente ruim em que o homem se encontra, quanto ao que está no cerne do seu destino, esse *Ding*, essa causa que outro dia designei como análoga ao que é [...] designada por KANT [...] esta “*causa pathomenon*”, esta causa da paixão humana mais fundamental (LACAN, 1959-60, p. 68, *Staferla*).



Nesta ocasião, Lacan nos lembra que, imediatamente, antes mesmo que uma análise comece, alguma coisa que é da ordem da transferência, o comparecimento das formas extremas do amor e do ódio já estão virtualmente presentes e, na medida em que um sujeito se põe a falar, sob transferência, quando o sujeito entra em análise, ele está na posição de quem ignora. Não há entrada possível na análise sem esta referência, e ela é absolutamente fundamental. Isso ocorre exatamente na medida em que a fala progride... A ignorância como paixão, na medida em que está no fundamento mesmo da situação analítica, é também um dos componentes primitivos da transferência (LACAN, 1953-54, p. 282, *Staferla*).

Mas para considerarmos nossa questão inicial, é preciso levar em conta que o sujeito que chega, que busca uma análise, na entrada, “é” um *pathetikoi*⁹. É um sujeito inoculado, tecido, organizado, em sua origem, pelas paixões do Outro, vindo a ser, ele próprio, um “ser” de paixões. Assim, propomos pensar o percurso de uma análise aproximando-o do que poderíamos chamar de os efeitos da tragédia. Para tanto, teremos que considerar – ao menos é o que se sabe sobre a estrutura da tragédia – que ela se propunha, a partir de um certo modo de organização e de encenação, provocar a purgação/purificação, a *catarse* de paixões, do *temor* e da *piedade*. Como nos diz Lacan (1988, p. 298), a *catarse*, no caso, como sendo um *apaziguamento* produzido por uma certa música mas que, para Aristóteles, se trataria, antes, de um efeito de *entusiasmo*.

Estariam, pois, os tomados pelo efeito de uma certa música, pelo entusiasmo, os *enthousiastikoi*, em oposição aos tomados pelas paixões, os *pathetikoi*?

Poderíamos pensar que, uma análise – na medida em que aí o sujeito, ao falar, canta a sua própria música, que ao encadear seus significantes deixa escapar a musicalidade de *lalangue*, se *arrancando* do corpo fixado, tomado, inoculado pelas paixões, tecido pelas identificações e submetido ao gozo do Outro – poderíamos pensar que, uma análise, ainda que tenha efeitos catárticos, mas indo além, pelo efeito da música de *lalangue* sobre o corpo, produziria o

⁹ Em *O Seminário 7, a Ética da psicanálise* Lacan (1988, p. 298), ao comentar a tragédia *Antígona* para pensar a estrutura mesma da tragédia, evoca os *pathetikoi* e os *enthousiastikoi* como duas posições distintas em relação aos efeitos da música de uma peça trágica: os *pathetikoi* eram as “presas” das paixões, do *temor* e da *piedade*, para outros, porém, os *enthousiastikoi*, a música provocava o *entusiasmo*.

entusiasmo? fazendo os *pathetikoi* sofrerem uma subversão de sua posição de submetimento às paixões fazendo-os passar a outra coisa? Não seria, então, por isso que Lacan inventa o dispositivo do passe? Para que os analistas pudessem testemunhar sobre os efeitos da musicalidade de *lalangue* sobre o corpo, não despatologizando-o, mas subvertendo estas paixões de tal modo que outra coisa aí se produza, uma nova “satisfação”, uma “nova vicissitude pulsional”?

Também por isso poderíamos imaginar que tal percurso se aproximaria da procissão ditirambica, na qual a música nela tocada desnudava e fazia dançar o corpo das mulheres. Do mesmo modo, podemos aí supor uma proximidade do que resta ao final de uma análise, não necessariamente com as mulheres, mas com o feminino, com sua construção? Com a construção de um furo que faz folga, brecha, e faz dançar um corpo antes rígido, fixado, e que padecia das paixões: margem de liberdade que, se não pode ser uma promessa, pode bem ser pretendida em um trabalho de análise, em cujo início está o *genuíno amor artificial* de transferência que fundará uma experiência, um campo no qual comparecerão as paixões que habitam um sujeito, em ato, no ato do dizer.

Poderíamos pensar um percurso analítico como sendo o lugar e o tempo de uma “transmutação das paixões” originais, e originárias, de uma espécie de “desintoxicação” das paixões do Outro que nos teceram e nos habitam? Seria, o entusiasmo, ao qual se refere Lacan, como efeito de uma análise que produz *Um analista*, “uma nova paixão”, um “novo amor”, aquele que é signo de que trocamos de discurso?

Referências

LACAN, Jacques. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1998.

_____. *O seminário, livro 22: R.S.I (1974-1975)*. Inédito.

_____. *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. *Le Séminaire VII, L'Éthique, 1959-60, version Staferla*.

_____. *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1983.

_____. *Le Séminaire I, Écrits techniques, 1953-54, version Staferla*.